
O livro: a solução do problema

Gislene A Silva Santos

Mestranda em Educação no PPGE - Uninove
gislene_ap@hotmail.com

O trabalho consiste na observação de um ponto fundamental da Didáctica Magna, de João Amós Coménio, a sua paixão pelos livros didáticos e na comparação e aplicação desse conceito nas políticas educacionais brasileiras, em especial a de leitura. Comentaremos um pouco da época em que viveu Coménio para atingir nosso objetivo, com o intuito de situar o leitor. Após termos observado a aplicação do conceito na política de formação de leitores, faremos uma breve crítica, sugerindo a valorização de outros aspectos além da distribuição de livros de literatura aos alunos de algumas séries da escola pública.

Palavras-chave: Formação. Leitura. Livro.

Introdução

Como educar o homem de forma plena? Essa é uma questão que já estava presente nos tempos de Hesíodo, Platão e Aristóteles, e que perpassa sociedades e séculos sem uma resposta definitiva, inquietando teóricos da Educação até hoje. Apesar de não termos uma resposta que seja a correta, podemos perceber que as estruturas presentes hoje foram formadas ao longo do tempo, com longas discussões sobre o assunto, e ainda poderíamos afirmar que em cada tempo e em determinada sociedade algumas das respostas encontradas se apresentaram como solução para o problema.

Contudo, para entendermos melhor o movimento e a grande descoberta que surge no século XVII com João Amós Comênio, precisamos relembrar um pouco a sociedade anterior e suas crenças e valores.

No século XVII, há uma reviravolta no mundo ocidental, tanto na política como nos hábitos (educação), isso porque surge o Liberalismo e, com ele, a separação entre Estado e Igreja Romana, ou seja, os reinos desvinculam-se da autoridade desta, pois ela não mais governa com eles. Surgem, então, estados ou reinos absolutistas como o da Inglaterra, e os homens começam a voltar-se para a ciência como área que lhes fornecerá instrumentos que os capacitem a responder seus questionamentos sobre o universo.

Um desses homens foi Galilleu Galilei, representante desse período nas ciências exatas, provando que a Terra não é o centro do sistema solar retomando os estudos de Copérnico e provando que o centro do sistema é o sol. Concluindo, portanto, que o nosso sistema é heliocêntrico e não geocêntrico. Quando questionou dessa forma os dogmas até então apresentados pela Igreja Católica Romana, Galileu foi

perseguido e preso por ela, tendo inclusive que negar sua descoberta, sob ameaça de morte. No entanto, discussões como essa transformaram o caráter da religião, que passou a se apresentar como reino da liberdade e não só como dogma. Qual a diferença? Diríamos que o homem retorna ao livre arbítrio, decidindo se acredita no que diz a igreja, sem que haja na recusa a ameaça de ser queimado, sendo considerado cidadão do seu Estado.

É claro que ainda haveria anos e anos de discussão até o poder do Estado ser realmente desvinculado da igreja, e lutas entre defensores da Reforma e da Contra-Reforma, contudo lembramos que descrevemos tais fatos apenas como pano de fundo para a questão que verdadeiramente nos interessa.

Nesse período da história, poucas pessoas detinham o poder da leitura e da escrita, e a Educação era centralizada principalmente nos mosteiros ou por preceptores. Temos aí um problema de como se desenvolverá o ensino quando o Estado se separa da Igreja. Surge, então, a necessidade de um sistema educacional administrado pelo Estado. E, além da questão com a Reforma, surge também a idéia de que a leitura e a escrita deveria ser um bem comum, ao qual todos tivessem direito. Comênio, representante da pedagogia, escreve então sua *Didática Magna* que visa, como tratado, explanar a arte universal de ensinar tudo a todos.

Já nas primeiras páginas, mostra seus objetivos e sua crença de que tal sistema, por ele desenvolvido, seria a solução para a educação da juventude:

Processo seguro e excelente de instituir, em todas as comunidades de qualquer Reino cristão, cidades e aldeias, escolas tais que toda a juventude de um e de

outro sexo, sem exceptuar ninguém em parte alguma, possa ser formada nos estudos, educada nos bons costumes, impregnada de piedade, e, desta maneira possa ser, nos anos da puberdade, instruída em tudo o que diz respeito à vida presente e a futura, com economia de tempo e de fadiga, com agrado e com solidez. (Comênio, 1983, p. 43).

O que torna o processo demonstrado por Comênio inovador é a divisão dos estudos em dias e horários “o curso dos estudos é distribuído por anos, meses, dias e horas” (Comênio, 1983, p. 43). Essa divisão é seguida pelas instituições de ensino até os nossos dias, o que pode aparecer até como obrigatoriedade, como no caso de nosso país, que prevê 200 dias letivos na lei de diretrizes e bases da educação nacional (LDBEN 9.394/96)

Um outro ponto interessantíssimo em Comênio é seu deslumbramento pela imprensa, em que afirmava que para educar bastava que se preparassem livros didáticos a serem seguidos e que dariam conta de ensinar tudo a todos. É evidente que também elaborou grades e currículos, mas sua crença nos livros didáticos era visível e enfática. Assim, ele dividiu a Educação em quatro partes, nas quais

- 1) O regaço materno seja a escola da infância;
- 2) A escola primária, ou escola pública de língua vernácula, seja a escola da puerícia;
- 3) A escola de latim ou o ginásio seja a escola da adolescência;
- 4) A Academia e as viagens sejam a escola da juventude.

A paixão de Comênio pelos livros é tanta que, mesmo o regaço materno deve ter uma

instrução com o auxílio de um livro didático, podendo-se “copilar um livro de conselhos para os pais e para as amas, para que não ignorem seus deveres [...] sob o título de O informador da escola materna”, e um “Livrinho de Imagens, a colocar nas mãos das próprias crianças.” (Comênio, 1983, p. 422).

A escola primária já se dividiria em classes, mas ainda aqui percebemos a importância que é dada aos livros:

A cada classe sejam destinados livros de textos próprios, que contendam todo o programa prescrito para essa classe [...] e com ajuda destes livros possam ser conduzidos infalivelmente às metas fixadas (Comênio, 1983, p. 430).

Na escola de latim, há um comentário peculiar sobre os livros de história:

“Pensamos que será possível copilar, para cada classe um livrinho especial, que contenha um certo gênero de factos históricos” (Comênio, 1983, 444).

Observamos que a importância do livro didático no método proposto pela *Didáctica Magna* é fundamental, contudo faremos algumas citações para corroborar nossa afirmação. Para Comênio, “descoberta a arte tipográfica, se multiplicaram os livros, veículos de instrução, assim também, descoberta a didaticografia, é possível multiplicar os jovens instruídos” (Comênio, 1983, p. 465), e que “portanto, o ponto central de toda esta questão está na preparação de livros pan-metódicos” (Comênio, 1983, 469), que, segundo ele, deveriam ser feitos por homens doutos.

Nesse método, mais importantes que os professores são os livros, que “serão, portanto, de dois gêneros: verdadeiros livros de texto para os alunos, e livros-roteiros para os professores, para que aprendam a servir-se daqueles.” (Comênio, 1957, p. 460). Assim, podemos supor que, para o autor, as soluções dos problemas de como educar o homem plenamente encontram-se, em grande parte, nos livros didáticos.

Assim, o leitor deve estar perguntando-se o que isso tem a ver com a educação nacional, além é claro de percebermos que nosso sistema de ensino segue muito daquilo que foi estruturado por Comênio. Além disso, temos o livro como a maior parte da solução, no que se refere à prática da leitura.

Muitas coisas são discutidas em relação à formação de leitores, e algumas medidas são tomadas, mas ainda não se achou uma solução para essa questão.

Alguns especialistas apontam a falta de contato com o livro como a causa das crianças e adolescentes brasileiros repudiarem a leitura; outros dizem que os pais e professores não incentivam as crianças; os mais preocupados com a economia dizem ser culpa das editoras, que abusam do preço do livro, as quais dizem não ter como baratear o livro em um país onde as pessoas não lêem, e os mais conservadores culpam as novas tecnologias como a Internet e a televisão. Pode-se dizer que todos esses fatores compõem o problema.

Em meio a esse grande desafio, buscam-se soluções para sanar o problema. Uma delas consiste em medidas governamentais como o programa *Leitura em sua casa*. Esse programa é parte da política de formação de leitores do Ministério da Educação e Secretaria de Educação Básica, o qual levanta uma série de problemas que deturpam a formação de leitores e apresenta tal políti-

ca como “forma de reverter a tendência histórica de restrição do acesso aos livros e à leitura, como bem privilegiado a limitadas parcelas da população.” (BERENBLUM, 2006, p. 9). “O princípio do documento é proporcionar melhores condições de inserção dos alunos das escolas públicas na cultura letrada, no momento da sua escolarização” (Idem, p. 10).

O programa é focado na distribuição de livros de literatura aos alunos de algumas séries, para uso pessoal. É uma medida que pode parecer inovadora. Todavia, se analisarmos tal medida, perceberemos que esse conceito nos foi dado por Comênio; o livro possibilita a resolução do problema, no nosso caso a falta de interesse pela leitura. Sabemos que Comênio tratava do livro didático, mas não podemos deixar de observar que a idéia central é a mesma: “basta ter para aprender”; no nosso caso, “ter” para gostar de ler.

É óbvio que o fato de ter o livro é importante, mas isso, somente, não faz o interesse por ler, esse conceito parece solucionar o problema à primeira vista, como o próprio documento por uma política de formação de leitores admite, pois os problemas circulam por várias esferas como a questão do abandono das bibliotecas. Entretanto, ao observarmos o documento, não enxergamos nada mais que apontamentos e levantamentos de problemas tendo ainda como única ação efetiva a mera distribuição de livros e a proposta de debate sobre o assunto, até o momento.

Aqui, verificamos a aplicação do conceito elaborado por Comênio; as medidas apresentadas por ele em sua época eram realmente inovadoras e precursoras do ponto de vista do pensamento educacional. Já no que diz respeito à aplicação desses conceitos em nossos dias, não se pode afirmar o mesmo, pois são medidas que, comprovadas pelo tempo, não trarão o resultado desejado porque o fato de possuir o livro não faz

do aluno leitor. Acreditamos que outras medidas devem ser tomadas para a solução do interesse pela leitura em nosso país.

Também salientamos que, para incentivar a leitura, temos de proporcionar o encontro do leitor com o livro, com o auxílio de um leitor-modelo, que cativa, desafie e aguçe os alunos a se aventurarem nos primeiros passos na estrada da leitura. Acreditamos que seja necessário o leitor ter esse encontro com o livro, com o texto e relacionar-se com alguém que o incentive, que seja um modelo de leitor apaixonado pelo texto, um modelo de leitor maduro, que vivencie as histórias.

É interessante observar que, na época de Comênio, o conceito tecnológico que tanto o encantou e apresentou-se como a solução de proporcionar educação para todos, “a imprensa”, que possibilitava a impressão de inúmeros exemplares de livros didáticos em pouco tempo, apresenta-se hoje em dia como uma nova forma de tecnologia, que parece a todos um modo fácil, rápido e eficiente no meio digital: o computador. Mais uma vez as políticas educacionais apresentam uma invenção tecnológica como a solução para o problema.

Todavia, podemos refletir se apenas uma gama de informações é o fundamental para que o homem reflita, amadureça, e leia de forma a compreender o mundo em sua volta. Será que assim não nos esquecemos que o homem também é um ser comunicativo, e por que não dizer coletivo? E que percebe suas diferenças quando convive com o outro e amadurece quando com o outro dialoga. Talvez, só as informações fornecidas pelo livro ou pelo computador não bastem, porque precisamos do fator humano, ou seja, outro semelhante que fizera o que podemos fazer, outro que permita a descoberta de nossas possibilidades.

Logo, precisamos de alguém que nos ajude a caminhar pelas teorias, pelos pensamentos,

pelos livros, para podermos analisar e escolher o que aprender.

Assim, percebemos como é importante saber e conhecer os conceitos educacionais já apresentados pelos clássicos, pois, por meio deles, podemos analisar melhor as medidas atuais e até mesmo ampliá-las para alcançarmos o ideal de educar o homem de maneira plena.

Contudo, podemos ainda nos perguntar, entre outras coisas, como ensinar o aluno a refletir, a questionar o que lhe foi posto como verdadeiro, a ler e ter contado com o conteúdo dos livros. No momento inicial, devemos nos preocupar em fazê-lo gostar de ler, precisamos abrir “a infinita diversidade das coisas imaginárias, o iniciamos nas alegrias da viagem vertical, o dotamos da ubiquidade, libertado de Chronos, mergulhado na solidão fabulosamente povoada de leitor”. (Pennac, 1993, p. 19). Esse mergulho na leitura faz com que o leitor sinta a falta do diálogo que ele mantém com o texto, sinta falta da companhia de seus personagens e a relação que eles representam no mundo. Como segundo passo, não podemos esquecer que ler e ter contato com os conteúdos dos livros exige também reflexão, questionamento, tarefas delegada principalmente à filosofia, mas, poderíamos dizer, qual dos nossos alunos lêem filosofia ou grandes pensadores? Será que a mera distribuição de exemplares dos grandes pensadores conduziria o educando ao exercício da reflexão? Quem sabe seria plausível uma aula na qual o próprio professor tem um manual a seguir dizendo quais os passos deveria seguir para levar seu pupilo ao exercício da leitura em geral e leitura filosófica.

O livro é sim um princípio, pois nele se registram as idéias e pensamentos da humanidade. No entanto, na escola é necessário permitir o livre arbítrio, ou seja, ensinar as possibilidades de caminhos a serem seguidos de acordo com

seus pensadores, de acordo com suas idéias apresentadas nos livros, mas é necessário sobre tudo permitir que o aluno escolha seu próprio caminho. Para que o professor consiga tal prestígio, ele próprio deve escolher o pensamento que mais lhe agrada sem deixar de mostrar os demais que com tal pensamento coexistem.

Desse modo, o leitor modelo tornar-se-á alguém que já percorreu o caminho, e, por isso, sabe indicar, fornecer as pistas que possibilitem a descoberta da leitura, a qual se abrirá em questionamento ou confirmações de anseios humanos.

A medida que esse leitor modelo for revelando passo a passo o caminho que percorreu e suas pretensões de trilhar novos rumos, ensinará, ou demonstrará que o aprendiz, também pode percorrer um caminho, não o mesmo que o mestre percorreu, mas o caminho novo, o “seu”, pois como humanos somos singulares, e, por mais que a nossa história seja formada coletivamente, temos uma visão ímpar, devendo cada um construir seu próprio caminho.

Quando alimentarmos dessa forma nosso aluno, poderemos depois lhe oferecer muitos exemplares de livros, os quais ele devorará e degustará com acuidade; isso é acreditar que podemos ensinar tudo a todos, como Comênio afirmou.

Logo, o livro é, sim, a solução do problema. Quando aprendemos a manejá-lo de forma eficiente, fazendo-nos pensar sobre a vida que vivemos, é nele que retomamos idéias do passado para modificá-las e transformar nossa realidade, é com ele também que corroboramos idéias universais, é com ele que selecionamos nossa verdade e refutamos outra. Com ele podemos inventar histórias, escrever sonhos, transmitir sentimentos, relatar fatos, comentar o cotidiano, apresentar o real e o imaginário que nos leva a observar o universal, o humano. O livro é um registro his-

tórico e coletivo das modificações e evolução do ser humano.

Contudo, devemos vislumbrá-lo como um registro, sem esquecermos que esses registros são resultantes da vida em sociedade, da reflexão de nossa espécie, da curiosidade que move a humanidade a progredir, a tentar descobrir de onde viemos, quem somos e para onde vamos. Portanto, filosófico não é o livro, mas o homem curioso que procura entender a si e tudo em sua volta. E por meio da escrita passa aos seus descendentes tudo que já pensou, descobriu, analisou e confirmou sobre sua existência, afirmando sua cultura. Ensinar a ler e apreciar o livro é ensinar a refletir seus escritos como uma possibilidade de o homem comunicar-se e manifestar-se.

The book: the solution of the problem

The work is the observation of a fundamental point of Didáctica Magna of João Amós Comênio, his passion for textbooks and the comparison and application of this concept in the Brazilian educational policies, particularly in reading. We contextualize the time when Comênio lived to situate the reader. After seen the application of this concept in the policy of forming readers, we will briefly make a critical review, suggesting that other aspects than the distribution of literature books to students of certain grades of public schools should be valued.

Key words: Book. Formation. Reading.

Referências

- BERENBLUM, Andréa. *Por uma política de formação de leitores*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria da Educação Básica, 2006.
- COMÊNIO, João Amós. *Didáctica Magna (1630)*. 3ª ed., Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1983.
- PENNAC, Daniel. *Como um romance*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.